



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUMA LEMOS AIRES

(depoimento)

2019

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-534

Entrevistada: Luma Lemos Aires

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Santa Maria - RS (via Skype)

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 18/04/2019

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 54 minutos e 06 segundos

Páginas Digitadas: 19 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Iniciação no esporte; Envolvimento com o handebol; Competições de handebol; Arbitragem; Curso de arbitragem; Atuação como técnica de handebol; Federação Gaúcha de Handebol; Presença das mulheres; Mulheres na arbitragem; Equipe de handebol da Universidade Federal de Santa Maria; Visibilidade do handebol no Rio Grande do Sul; Bibliografia de handebol.

Santa Maria, 18 de abril de 2019. Entrevista com Luma Lemos Aires a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Inicialmente, eu queria que tu começasse me contando um pouco da tua formação e como tu começou no esporte.

L.A. - Propriamente dito no handebol?

J.K. - Isso!

L.A. - Certo, eu sou formada em Educação Física Licenciatura. Eu me formei em 2015 e a minha ligação com o esporte do handebol começou na escola um pouco mais tarde do que normalmente estamos acostumadas. O meu esporte de origem é o futsal. Eu joguei a vida inteira, e hoje em dia eu não tenho mais espaço para ele, mas eu ainda sigo tendo convites para ele, mas porque eu tive uma trajetória no futsal muito maior. O handebol aparece para mim no Ensino Médio, apesar de já ter tido Educação Física no Ensino Básico, no Fundamental, mas não era uma coisa que me chamava muito a atenção. Era muito mais do futsal, até porque jogava com os meninos. Então, tinha uma interatividade e *um jogo maior*. No handebol, as gurias não queriam muito, então não era algo que me atraía. No Ensino Médio as minhas amigas faziam handebol e eu, Luma, fazia futsal. Até que eu comecei a perceber que as minhas amigas não tinham mais tempo para mim, porque a Educação Física delas tinha maior tempo e elas se reuniam mais por causa do handebol. Então, eu comecei a participar do handebol por causa das minhas amigas. Eu fui para o gol, comecei como goleira, e até então eu comecei a gostar disso, de ter as amigas e fazer novas amizades por meio desse esporte, e comecei a me dar bem no gol. Então, eu comecei a participar dos Jogos Escolares daqui de Santa Maria¹, com o professor Rogerson², que na época era um professor que tinha um reconhecimento grande no handebol, e até hoje, enfim. Aí ele começou a me inserir e a me ensinar. Eu passei do gol para a armação central e comecei a *gostar mais ainda*, porque daí eu jogava mais. Aí o meu amor pelo esporte foi crescendo, mas ainda equiparado com o futsal. Ainda era futsal-handebol, futsal-handebol.

¹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

² Rogerson Ruiz.

Quando eu entrei na faculdade, eu comecei a me inserir nas equipes da Universidade. Eu tentei o handebol, mas os horários eram *muito ruins*. Era meio dia ou treze horas, *era intervalo de aula*, aí não dava para mim! Então eu comecei a fazer o futsal, já que era uma outra... Porque eu sempre gostei do esporte, Jamile. Então, eu segui um pouco... E aí, surgiu a questão de entrar para uma equipe. O que era essa equipe? Essa equipe na verdade [trecho inaudível] porque na época do Ensino Médio, esse professor Rogerson, tinha contato com a ULBRA³ Santa Maria, que era da equipe Santa Maria, uma faculdade que existe, obviamente, até hoje, mas que o handebol era muito forte. Então, coordenado pelo professor Capi⁴, que é um nome no handebol *muito maior*... O que eu posso te dizer, que tem aqui atualmente... Eu treinava na equipe da escola e na ULBRA. Aí, que foi que eu comecei a querer o rendimento e o esporte. Eu treinava na escola de tarde, na Educação Física, e à noite era das vinte e três horas a uma hora da manhã os treinamentos na ULBRA. Era complicado, mas tu queria e tu tinha que ir! Eu treinar das dez horas à meia noite, eu digo para as meninas que é *fichinha*, para quem treinava das onze horas à uma hora da manhã, era outra coisa! Eu treinava nas duas: na escola e nessa outra equipe. Então, quando eu entrei na universidade eu conhecia algumas pessoas, e o da Universidade não me deu tanto respaldo por causa dos horários e como eu disse, fazia o futsal e depois de um tempo começaram a criar, e criaram, uma equipe chamada Handebol Feminino Santa Maria, que é o HFSM, que existe atualmente. A gente criou essa equipe, eu fiz parte dessa criação com outras pessoas e juntamos pessoas que jogavam naquela outra época e se mesclaram. A partir disso, a gente criou essa equipe e chamamos um técnico, junção, que hoje em dia se tu for ver, o HFSM tem até equipes de base, é uma equipe que tem uma história, então eu fiz parte dessa história desde 2012 a 2017. Depois de me informar, sempre estudando muito o handebol, porque eu achava que o que eu recebia não era tudo o que eu queria. Tu começa a estudar e tu começa a ver que quem está lá no topo não sabe passar informações e isso me deixava muito intrigada, porque tu estar ali e tu simplesmente estudar sobre, e as pessoas te passarem pouca informação é uma coisa que fica muito difícil. Eu resolvi estudar mais do handebol, na Universidade... apesar de fazer parte da HFSM, eu comecei a estudar. Fiz *courses* no handebol, e me formei. Eu me formei através de um trabalho de graduação junto com o professor Cidão⁵ que é um nome que não tem como falar da época da década de 1980 sem falar do Cesar Alcides, que é o Cidão, que era

³ Universidade Luterana do Brasil.

⁴ Jorge Fernandes Brandili.

o meu orientador. E foi aí que me deu um gosto *maior* por estudar o handebol técnico, tático e de alto rendimento. Então, eu me formei na Educação Física Licenciatura com um trabalho de graduação *sobre* a década de 1980, que foi o ápice do handebol aqui em Santa Maria, onde as pessoas eram *buscadas* para jogar na Seleção Brasileira. Então, por exemplo, o Professor Cesar Alcides era um que era sempre chamado; o professor Osório⁶, que era meu professor; o professor Antônio⁷, todos eles tinham essa vivência. A minha entrevista do trabalho que eu estava te falando antes foi com o professor Celso Giacomini⁸, ele era o técnico na época. Então, ele era a chave desse sucesso da década de 1980. A partir dali eu comecei a estudar muito mais sobre o handebol. Eu busquei cursos, fui atrás e eu comecei a entender o meu lado como atleta diferente. Comecei a fazer curso sobre arbitragem, comecei a fazer curso sobre alto rendimento, tudo ligado ao handebol. Então, o que eu sei hoje sobre o handebol, é sobre toda... eu já estou entrando em outro [palavra inaudível], mas tudo bem... Tudo o que eu sei sobre o handebol é por estar dentro de todas as esferas dele. Tanto como atleta, como treinadora e como árbitra. Então, isso me dá uma gama muito maior de saber sobre o handebol. Eu fiz amizade com as pessoas importantes da época e que me trouxeram esse gosto. Eu iniciei lá só pelas amigas e eu fui indo, indo e fui gostando, e eu fui me apaixonando. E quando eu encontro pessoas que fizeram *história*, isso me apaixonou. Então, hoje eu quero fazer história, entendeu? De tudo que eu passei, eu quero fazer história, só que enquanto feminino.

J.K. - Com certeza fará!

L.A. - Entendeu, então mais ou menos foi aí, comecei lá na escola e fui indo e progredindo.

J.K. - Certo. Uma coisa, Luma, quando que tu começou a participar das competições do handebol das diferentes posições que tu já ocupou como atleta, como técnica, como árbitra, como que tu vê, ou que tu viu, a presença do público?

L.A. - Eu comecei como atleta. Na minha época, não tinha muita gente assistindo, a presença do público era pequena ainda. Na época da ULBRA era bastante, mas nas

⁵ Cesar Alcides Geller.

⁶ Luiz Osório Cruz Portela.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Luiz Celso Giacomini.

escolares era mais ou menos. Depois passou um tempo com o HFSM, a gente tinha uma dificuldade. Quando a gente ia viajar, a gente só encontrava as outras equipes com torcida, nós praticamente não. Quando vinha para Santa Maria, ainda era uma parcela muito pequena. Hoje eu vejo que está aumentando um pouquinho, enquanto atleta... enquanto técnica, o que eu posso te dizer é que faz pouco, então eu já vejo mais, eu já vejo uma parcela um pouquinho maior. Enquanto arbitragem, quando eu saio daqui de Santa Maria e eu vou [trecho inaudível] é quase zero. É bem difícil ter, porque não são... não tem uma história, ou alguma coisa ligada com a [trecho inaudível]. Ir a São Sepé⁹, ir a Santiago¹⁰ não é a mesma coisa, tu entende? Não tem uma cultura do handebol, então são pouquíssimas pessoas, familiares.

J.K. - Certo, tu me falou que já atuou como técnica. Isso seria técnica de clubes ou de equipes escolares?

L.A. - Em quê?

J.K. - Em clubes ou de equipes escolares como professora de Educação Física?

L.A. - Na verdade, eu ministrei um pouco de treinamentos para equipe adulta e juvenil. Então, eu fazia alguns treinamentos e passava algumas informações. Principalmente quando voltava de algum curso, alguma coisa, eu ajudava a equipe. Como técnica escolar, eu tive uma experiência com a escola Marieta D'Ambrósio¹¹, que foi o primeiro desafio escolar mesmo. Depois, veio o meu maior desafio, que é o que eu estou agora, que é a UFSM¹². Eu entrei como atleta, e as meninas me convidaram eu acabei deixando a função de atleta.

J.K. - E em relação ao curso de arbitragem? Como que tu chegou a fazer o curso de arbitragem? Tu foi convidada pela Federação Gaúcha de Handebol a fazer o curso de arbitragem? Como que foi?

⁹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹¹ Escola Estadual de Ensino Fundamental Marieta D'Ambrósio.

¹² Universidade Federal de Santa Maria.

L.A. - Na verdade, esse é um assunto meio delicado, porque a gente tem um problema sério com a Federação, que parece que eles não ajudam muito a gente a seguir, sabe? Eu tenho essa leve impressão. Não por maldade, são pessoas boas. A gente conhece as pessoas, mas eu não sei... Ainda tem uma resistência por manter os mais velhos. Quando surgiu o curso, eu e minha dupla, Isadora¹³, a gente olhou e era em Itaqui¹⁴, longe para caramba. A gente: “Não, vamos lá!”. A gente tinha uma conhecida, que era a Ana¹⁵, que jogava com a gente no handebol. Ela nos ofereceu a casa e a gente foi. O curso foi ministrado por um árbitro, que era o Rudi Braga, ele já foi árbitro... Ele é, na verdade, Nacional. Teve presença em algumas competições importantes, e a gente decidiu ir. Fomos e fizemos todo o curso, que eu acho que eram quarenta horas, algo assim. Era bem pesado, Jamile, eram três dias, eu acho. Tinha teórico e prático, então tinha todas as regras: as dezoito minimamente colocadas ali e discutidas. Tinha a parte prática, a parte prática a gente [trecho inaudível]. Nós em duplas, cada um prioritariamente tinha sua dupla e ia arbitrando, ele ia contando. Era com as crianças da escola que ele conseguiu, e tinha um teste teórico e prático. O teórico era uma prova, diga-se de passagem, que não era nada fácil. Não era uma prova muito fácil. A gente passou, eu e minha dupla, a gente conseguiu atingir, e aí tinha o físico, o teste físico que é aquele dos sinais, que tu vai de um lado a outro e a velocidade vai aumentando. O teste também não é muito fácil, a gente faltou dois estágios para conseguir a marca que é do feminino. O Rudi nos colocou depois o resultado por *e-mail* como aptas, mas a gente deveria refazer o teste do bip. Então a gente, teoricamente... Jogos mirins, que começa lá embaixo para depois a gente subir. E ele nos falou que assim que a gente quisesse, que a gente fizesse o teste e que eles poderiam nos chamar a qualquer momento... A Federação poderia, não ele, que não tem nada a ver com isso, mas que poderiam nos chamar e nunca nos chamaram. Nunca! Em nenhum momento e a gente já viu outras pessoas que começaram depois da gente, outros ninguém... Não querer falar mal, mas com capacidades *muito* inferiores e hoje em dia estão pela Federação. Então a gente se sentiu um pouco menosprezada. Não sei se... Não posso falar se por gênero, mas é muito provável. Porque as mulheres ainda, na arbitragem, são poucas. Hoje no Rio Grande do Sul, a gente mal vê as meninas atuando. Eu conheço três das meninas que são daqui da região que em algumas etapas estão conseguindo atuar. Agora, eu e minha dupla ficamos na região, por exemplo. Mas tem o positivo de que, quanto mais a

¹³ Isadora de Freitas.

¹⁴ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

gente apita aqui na região, é o que mais nos chamam. Então a gente acredita estar fazendo uma arbitragem consideravelmente boa.

J.K. - Certo, e qual foi o ano desse curso?

L.A. - *Bah*¹⁶, eu vou ter que buscar aqui para ti, porque eu não me lembro. Se eu não me engano 2016. Eu estava olhando aqui, eu te falei três dias, mas foram quatro dias...

J.K. - E tinha alguma outra dupla de mulheres fazendo também junto com vocês?

L.A. - Tinha, eu acho que quatro.

J.K. - Quatro meninas?

L.A. - Quatro duplas.

J.K. - Quatro duplas?

L.A. - É, mas a parcela maior era masculina.

J.K. - Certo, e tu sabe o nome dessas mulheres?

L.A. - Sei de duas, porque são pessoas que eu conheço. Uma é, meu Deus do céu... Cíntia¹⁷, e a outra... elas são de Itaquí mesmo. A gente até foi em alguns torneios e nos receberam super bem. Tenho que dar uma pesquisada aqui, Jamile.

J.K. - Mas se não se lembrar não tem problema.

L.A. - Não, mas é para eu lembrar, porque eu conheço elas. [risos]

J.K. - [risos] mas às vezes o nome escapa, não é? A gente esquece.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

¹⁶ Expressão regional.

L.A. - [risos] Fica feio, fica feio, para... Elas organizam o Aberto de Itaquí¹⁸, não sei se tu já ouviu falar?

J.K. - Nesse Aberto, eu nunca ouvi falar.

L.A. - Não? É uma equipe... uma competição *muito boa*. Uma organização muito grande. Então, a gente gosta bastante de participar dessa competição.

J.K. - E é organizado pela prefeitura de Itaquí?

L.A. - Essas meninas junto com pessoas que... Lucielle¹⁹! Lucielle e Cíntia, eram essas duas meninas que foram que a gente fez mais amizade, que depois elas tentaram fazer dupla até nos Abertos, que tem tido. O último que a gente foi, enquanto UFSM, elas já estavam atuando mais. A gente viu que elas não desistiram, porque de resto a gente não viu mais nada.

J.K. - Então tinha elas duas e mais... Tu disse que tinham quatro meninas... quatro duplas, quer dizer?

L.A. - Isso.

J.K. - Então tinha elas duas e mais três duplas, isso?

L.A. - Isso!

J.K. - Além de vocês?

L.A. - Além de nós.

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

¹⁸ Aberto Itaquense de Handebol.

¹⁹ Lucielle Vieira Vargas.

J.K. - Certo, uma coisa que eu ia te perguntar, tu sabe me dizer como funcionam... Tu já me explicou um pouco da etapa regional da Federação, mas tu sabe me dizer como funcionam as etapas da Nacional e da Internacional de arbitragem?

L.A. - Olha, não é uma coisa que eu sei muito, mas eu vi que tem uma parte que as duplas são indicadas a fazer essa prova. É uma prova que tem para [trecho inaudível] ir subindo Regional, Nacional. Então eles têm uma boa atuação aqui, aí alguém indica essas pessoas e essas pessoas fazem essa reciclagem, esse curso, e tentam pleitear, subir de categoria.

J.K. - E agora mais historicamente falando, tu saberia me dizer qual teria sido a primeira mulher a entrar para a arbitragem para nível Nacional?

L.A. - Não, não sei te dizer. Porque na verdade nunca vi... Eu, hoje em dia, eu conhecer mulheres na arbitragem é muito difícil. Que nem eu te disse, eu conheci essas outras meninas que também começaram como atletas, porque eu e minha dupla também começamos como atletas, a gente foi se envolvendo. Alguém começou a nos ensinar, e isso foi aumentando a maior vontade para fazer curso. Hoje em dia, claro que me ajuda dez vezes mais [trecho inaudível] tipo de informação, mas não sei te dizer.

J.K. - Certo, e aqui do Rio Grande do Sul, tu saberia me dizer?

L.A. - Do Rio Grande do Sul? Não, também não! Porque as pessoas que eu conheço, a mais velha até então que eu conheço é a Marisa²⁰, que é uma pessoa que está na arbitragem aqui no Rio Grande do Sul, e só. Aí as outras que começaram como atleta, que é a Carol²¹ e a Betina²² que às vezes elas jogam ainda, que eu vejo. Tem uma outra dupla de gêmeas, não sei se tu já sabe... Tem uma dupla de gêmeas de Santa Catarina, que faz uma arbitragem e já vieram aqui para o Mercosul²³ algumas vezes.

²⁰ Marisa Wasem.

²¹ Caroline Goulart.

²² Betina Gorgen.

²³ Copa Mercosul de Handebol.

J.K. - Sim, elas são trigêmeas, na verdade. Duas atuam juntas, e uma atua com outra menina... Sim, eu sei, eu já entrevistei elas. É a Bruna²⁴, a Gabriela²⁵ e a Renata²⁶, se eu não me engano.

L.A. - As meninas aí que eu vejo, porque de resto não se vê mais nada.

J.K. - Certo. E pensando a nível de arbitragem, tu acredita que a arbitragem pode ser vista como uma profissão hoje?

L.A. - Sim, com certeza! Por exemplo, eu e minha dupla quando começamos a gente não tinha... Não era muito bem pago, digamos assim. Hoje em dia, quando nos convidam dá para tirar um valor... Hoje é quase... Se tu for em uma competição de bom nível que te convidaram, eles pagam toda tua estadia, toda tua alimentação e ainda te dão um dinheiro por fora. Então, eu acho que sim, quem é nível federado ganha muito mais, e eu já ganho bem. Eu acho que ganho, quando vou fazer as arbitragens vejo como uma profissão, sim.

J.K. - E em relação aos xingamentos, que a gente sabe que sempre tem em qualquer esporte para a arbitragem. No handebol, esses xingamentos também existem?

L.A. - Existem, eu e minha dupla já tivemos vários problemas quanto a isso, e, na verdade, problemas de ouvir, porque de resolver a gente... É tchau e acabou. Mas quem fica dentro ainda a gente ouve alguma coisa. A gente já ouviu xingamentos que a gente foi comparada, que a arbitragem é da cidade, que já jogou por tal equipe. Agora, em questão de gênero, eu não me lembro de já ter tido alguma coisa como mulher. Até porque, se eu tivesse, eu ia ter um problema muito grande. Eu não sou nada calma. Então, se eles abrem a boca para falar comigo e o tom já está muito exacerbado, eu dou uma maneira de cortar, com o que eu posso como arbitragem: um ou dois minutos, vai lá e senta. Então a gente acaba tendo essas situações, mas eu acho que enquanto arbitragem de handebol, que é o que eu ensino para as minhas crianças: “o handebol é esporte para gente educada, entendeu?” Então, não adianta vir em cima da gente, que a gente vai simplesmente te responder com sanções e

²⁴ Bruna Garcia.

²⁵ Gabriela Garcia.

²⁶ Renata Garcia

então tu vai ter que te retirar. Não é que nem no futebol, que as pessoas avançam em cima de ti, cospem se deixar e nada acontece. No handebol não, a coisa não funciona assim.

J.K. - E quando tu começou a apitar tu sentiu alguma dificuldade por ser mulher?

L.A. - Na cidade aqui não, porque na verdade aqui não tem quase ninguém. Então, quando eu e minha dupla começou, a gente era muito requisitada. E, na verdade, a gente hoje em dia não é tanto, porque a gente tem outras coisas para fazer e a gente acaba cancelando [trecho inaudível] entendeu? Do ano passado para cá diminuiu *consideravelmente* a nossa atuação enquanto arbitragem por exatamente isso, por não termos tempo. Mas antes, logo que a gente começou, Jamile, era uma coisa que chamavam bastante a gente. Principalmente o professor Lima²⁷, que é quem nos ensinou, que é um senhor que está na Federação há anos, e anos, anos, anos, e ele foi uma das pessoas precursoras do handebol aqui [trecho inaudível]. Ele nos chamava muito até para a gente aprender, para a gente melhorar. Ele sempre teve uma didática muito grande com a gente, até porque a gente começou apitando criança, então não era tudo que a gente apitava. Era mais ou menos assim.

J.K. - E, agora pensando o handebol como um esporte Olímpico, como que tu vê agora a participação tanto da equipe dos homens, quanto das mulheres, em campeonatos Mundiais, Olimpíadas?

L.A. - Eu acho que as coisas estavam bem organizadas, porém enquanto equipe. Enquanto treinador e enquanto equipe. Depois que tivemos alguns problemas agora com a Confederação, com o Manoel²⁸, essas coisas, deu uma caída. Perdemos patrocinadores e isso atinge diretamente os atletas. Eu acredito que ali no maior ápice do handebol, do handebol que foi no Mundial quando Morten²⁹ conseguiu ganhar o Mundial com as meninas na Sérvia em 2013. Aquilo ali nos colocou em maior evidência, então a gente também enquanto profissionais da Educação Física também colocamos o handebol em evidência. Então essa clientela, um pouquinho, aumentou. Enquanto que para as Olimpíadas ainda estamos deixar escapar alguma coisa. Para esse ano tem toda a

²⁷ Paulo Roberto Silva Lima.

²⁸ Manoel Oliveira.

formulação diferente, novos técnicos [trecho inaudível] para ver se consigo ir nas fases antes do Panamericano. Estou em contato com o pessoal da Federação e até atleta, a Babi³⁰, eu tenho contato com ela. A gente está tentando para que eu consiga ir, para fazer essa análise de como são os treinamentos, porque no Peru eu não vou ter muito contato com elas e não vou conseguir ir. Mas eu acho que o handebol enquanto participação, eu acho que ainda está faltando alguma coisa e eu pode ser por apoio, tu entende? Não por treinamento. Claro, a Europa é bem diferente. Na época em que ganhamos, em 2013, a maioria das atletas jogava na Europa, hoje não é todo mundo. O Dueñas³¹ ainda chama algumas pessoas que estão apenas no Brasil, então não é o mesmo nível, não adianta a gente comparar. Enquanto no masculino, bem melhor agora. Eu acho que é o melhor momento da equipe masculina, sempre em busca desses treinamentos e dessa parte técnica, dos aprimoramentos. Vários estão indo para a Europa, isso que está também facilitando. Isso que eu estou dizendo desde o início, não adianta jogar todo mundo aqui no Brasil, porque daqui do Brasil para a Europa a coisa é *muito* diferente. Então, as pessoas têm que estar lá já para a gente fazer as fases aqui, organizar e tentar alguma coisa, mas eu acho que está bem [trecho inaudível]. Por toda reformulação, e o Dueñas tem outra prática bem diferente do Morten, então não sei. Pro Mundial, pela chave futuramente a gente pode dizer como que vai estar, mas acho que basicamente é essa a minha análise, ao meu ver.

J.K. - Certo. E em relação à presença de mulheres nessas grandes competições na arbitragem, como que tu vê?

L.A. - Eu não vejo... pouco. Eu não sei se é porque nós, enquanto mulheres, não estamos tentando, não estamos indo ou se realmente existe alguma coisa que nos barra. Aqui na minha realidade eu vejo coisa que me barra, porque senão eu já estaria atuando... poderia estar. Então eu fiquei muito frustrada depois do curso, que eu vi pessoas em níveis inferiores. Essas pessoas estão lá, já. Nem foram tão bem nas provas e estão na Federação. A gente acha que essa parte do quem indica, Jamile, ele às vezes estraga algumas coisas. Tem pro bem e tem pro mal. E, na verdade, tem *muita* panela.

J.K. - Certo, entendo.

²⁹ Morten Soubak.

³⁰ Bárbara Elisabeth Arenhart.

L.A. - A gente talvez não veja tantas mulheres... eu acho que é maior do que nós enquanto mulheres não estamos tentando. Eu acho que ainda é por boicote de outros.

J.K. - E, pensando a nível nacional da própria Confederação, tu acredita que a Confederação tenha algum tipo de projeto de visibilidade para a modalidade?

L.A. - Para a modalidade pode até ter, mas para mulher especificamente eu acho que não. Eu acho que pode ter em questão de visibilidade do handebol, handebol gaúcho, e vai tentando, mas eu ainda acho que volta a [trecho inaudível] olha ali aquelas equipes por influência de tais e tais pessoas, professores. Eu vejo isso, porque eu enquanto mulher ex-atleta jovem comandando uma equipe, eu vejo que parece que eu e a minha equipe sempre ficamos fora das coisas. Senão for eu ir atrás das coisas, parece que só tem um lado que é visto, entende? Sendo que a Federação é daqui de Santa Maria, daqui de dentro. E não é por mal, que nem eu te disse. As pessoas são boas, inclusive um dos cursos que eu fiz foi a Federação que me ajudou. Então eu acho que tem alguma coisa que ainda não é bem projetada. Essa visibilidade a longo e médio prazo eu acho que não tem. É muito de momento, têm esses e vai esse. Eu acho que é mais ou menos assim.

J.K. - Certo, agora eu ia te perguntar em relação à participação do Rio Grande do Sul. Tu saberia me dizer como que está a participação em relação à Liga Nacional?

L.A. - Do Rio Grande do Sul? Olha, Liga Nacional do Rio Grande do Sul, a última vez foi o Capi com os meninos do masculino e não obteve muito sucesso. Fez até bons jogos, mas o nível era extremamente largo e eu acho que uma época... As condições do número de treinamento. Enquanto eles lá treinam quase duas vezes no mesmo dia, e, de repente, oito treinos na semana. Nós aqui, ficamos com três, duas vezes, porque os focos dos lugares são diferentes, ou a ajuda, entendeu? Por exemplo, se a prefeitura daqui ajudasse essas meninas a irem... Tem que ter alguém por trás. Não adianta só treinar, treinar. Tu pode treinar dez vezes, mas tu vai treinar onde essas dez vezes? Vai ter que ter um local. Então, eu acho que enquanto Rio Grande do Sul, a última vez foi o Capi que tentou com os meninos. É a minha lembrança.

³¹ Jorge Dueñas.

J.K. - Sim, sabe me dizer em que ano foi isso?

L.A. - Pode ser 2016... 2017 no máximo!

J.K. - Sim, não teve nenhuma equipe feminina que tentou?

L.A. - Feminina a nível nacional, não. Que eu lembre não.

J.K. - Nem a UCS³²?

L.A. - Não, eu acho que sim. É verdade, a UCS teve um período em que tentou e até deu um sufoco em alguns jogos... Verdade, Jamile, teve sim!

J.K. - Teve?

L.A. - Teve! Eu me lembro que a gente até tentou assistir, mas os jogos não eram bons. Até em alguns a UCS fez um bom jogo, mas não ganhou. Mas teve participação, sim! Talvez tenha tido outras também, porque agora eu achei [trecho inaudível]. Sabe em reportagem de quando? De 2011, então esse patrocinador é bem antigo, muito antigo. Então pode ter tido mais vezes da UCS ter tentado ir pra Liga Nacional, sim.

J.K. - É só para eu saber como é que estava o cenário do Rio Grande do Sul em relação à Liga. Porque, de certa forma, eu não vejo divulgação das equipes aqui do Rio Grande do Sul.

L.A. - Não, exatamente. A mídia é muito falha enquanto isso. Às vezes a gente tá fazendo uma coisa *muito* massa por trás, e a mídia só vai postar o que convém. Ou vai informar o que convém. E aí quebra no meio o trabalho. Então, se a mídia pudesse ajudar... Aqui eu achei também em 2012, então talvez elas tenham ido em alguns anos.

J.K. - Certo, eu vou dar uma procurada melhor nesses dados.

L.A. - É, talvez tenha mais coisas. Eu estou aqui por fora.

J.K. - Não, mas já ajuda... alguém que está mais dentro da prática e de quem está participando dos campeonatos ajuda bastante.

L.A. - Ajuda bastante, é verdade.

J.K. - Agora que a gente comentou a respeito da mídia. Tu acredita que a Federação Gaúcha tem algum projeto para visibilidade para a modalidade aqui no Estado?

L.A. - Tem o quê?

J.K. - Um projeto de visibilidade da modalidade.

L.A. - Não, eu acho uma porcaria. Sério, eu acho muito ruim, porque que nem eu te disse, às vezes a gente está fazendo algo muito maior e a mídia não está transparecendo isso. Por exemplo, é que nem eu te disse, a Federação é aqui dentro em Santa Maria, podia indicar as pessoas daqui, sabe? Uma pessoa que tem total contato com a Confederação... Conhece o Mercosul, né? O Mercosul é um dos maiores eventos que a gente consegue oferecer dentro de Santa Maria. Quem joga, quem só participa ou quem arbitra, todo mundo, é uma festa viver handebol durante quatro dias. Eu acho que eles podiam aproveitar isso para captar os talentos, seja como enquanto comissão técnica. “Olha, Luma, ou Gabriel, ou João, ou Pedro... eu vi que tu desenvolveu um trabalho bem legal nesse Mercosul. Quem sabe tu vai passar umas semaninhas lá com fulano na Confederação”, tu entendeu? Ia ajudar a projetar a gente daqui pra fora, mas não, é muito pouco, sabe? É que nem eu te disse, é essa panela que indica ali e que indica lá, então quem acaba perdendo é o handebol, é todo mundo do esporte. Não é a Luma, ou a equipe do João daqui.

J.K. - E hoje, ainda na presidência da Federação é o Iradil³³.

L.A. - É o Iradil e a Simone³⁴.

³² Universidade de Caxias do Sul.

³³ Iradil Antonello.

J.K. - A Simone também chegou a ser da arbitragem uma época, não é?

L.A. - Acho que era da mesa, não lembro se era do apito.

J.K. - Certo.

L.A. - Tem a Thaty³⁵, a Thaty também faz mesa. Ela coordena as Chuteiras do Bem em Santa Maria, não sei se tu viu?

J.K. - Como?

L.A. - Ela coordena as Chuteiras do Bem aqui com trabalho social, de futebol. Mas ela fez o curso de arbitragem para fazer as mesas e ela faz bastante.

J.K. - Bastante mesas. Sabe me dizer o nome completo dela?

L.A. - Vou fazer uma pesquisa aqui... Thaty Dias.

J.K. - Certo, vou procurar por ela, então.

L.A. - É uma ótima pessoa.

J.K. - Mais uma coisa que eu vou te perguntar, tu tem algum objeto ou algo que simboliza o handebol pra ti ou a tua trajetória dentro do handebol?

L.A. - Objeto concreto?

J.K. - Como?

L.A. - Um objeto concreto?

³⁴ Simone Medianeira Chaves Alves.

³⁵ Tatiane Dias.

J.K. - Isso.

L.A. - Meu *Stabil*. Conhece o *Stabil*?

J.K. - Não. [risos]

L.A. - Hoje em dia não tem quase, são poucos. Mas era na época em que eu comecei com o handebol, o meu sonho era ter um *Adidas Stabil*, que era um Adidas diferente que era para jogar handebol. Minha mãe não queria me dar de jeito nenhum, de jeito nenhum e o tênis virou parte da minha vida inteira. Eu dormia e acordava com aquele tênis, então eu acho que o *Stabil* foi, e é, um símbolo muito importante para mim no handebol. Tanto pela questão figurada de projeto de passo-a-passo, quanto concreto de conseguir ele e etc. Eu acho que é o *Stabil* para mim.

J.K. - Certo. Bom, o que eu tinha para te perguntar hoje era mais ou menos isso. Teria mais alguma coisa que tu gostaria de colocar, que eu não te perguntei?

L.A. - Cortou!

J.K. - Cortou? Eu estava dizendo que as perguntas que eu tinha para te fazer eram mais ou menos essas. Se tu tiver mais alguma coisa que eu não te perguntei, que tu gostaria de colocar.

L.A. - O que eu poderia colocar?... Eu acho que uma coisa que eu digo para todas as pessoas que vêm ao meu encontro e querem saber do handebol: “O que eu faço?”. E é aquilo que eu te disse, eu estudei, e eu estudo muito o handebol em todas as esferas dele. E o [trecho inaudível] enquanto handebol feminino, enquanto esporte, enquanto as mulheres no cenário esportivo, tu entendeu? Então é uma coisa que eu vou lutar veementemente o que eu puder pela minha equipe, que é o handebol da UFSM, porque é um grupo excelente. Eu acho que é o melhor grupo que eu poderia ter... E eu acho que é isso. A única coisa que eu comento a mais quando me perguntam as coisas é: “o que eu quero?” “O que tu quer? Tu quer ir lá fazer o treinamento que tu faz durante a semana, tu quer ir lá passar um

treininho para elas repetirem duzentas vezes a mesma coisa? O que tu quer?” Eu quero tornar elas pessoas inteligentes dentro do esporte para colocar *elas* no lugar em que elas quiserem estar. O *nosso lugar* enquanto mulheres, eu acredito que seja dentro do esporte para mostrar que a gente também pode, entendeu? É levar elas ao topo, assim como na década de 1980 as pessoas também eram vistas. Tinham classes de pessoas de Santa Maria, os trabalhadores, os estudantes jogadores de handebol. Eu gostaria *muito* que tivesse isso novamente, mas enquanto mulheres... Que elas saíssem daqui que elas jogassem em outras equipes. Não quero tudo para mim, não quero uma equipe em que vou ficar a vida inteira e que elas vão ganhar tudo. Não, eu quero fazer minha equipe [trecho inaudível] quero fazer com que as pessoas queiram vir para a equipe, e não eu ter que estar chamando. “Tu viu que tem uma equipe de handebol na UFSM?” Hoje em dia tu olhar a UFSM enquanto feminino, como que eu posso te dizer, é uma coisa muito importante, porque até então eram sempre os homens, a equipe masculina do handebol. Tanto é que se tu perguntar do handebol da UFSM e eram só os homens, eles vão sempre lembrar.

J.K. - Sim.

L.A. - Minha maior vontade é que sejam *elas*. “Tu lembra da época em que a Luma era técnica, que tinha fulana, que tinha sicrana?” Tu entendeu, Jamile? É isso que eu quero! Eu quero a nossa vez, porque é a vez *delas* agora.

J.K. - Luma, o que eu tinha para te perguntar era isso. Te agradeço!

L.A. - E agora eu estava vendo uma foto aqui e vou ter que desmentir uma coisa que eu falei. Lembra que eu te disse que tinha mais duplas? Eu encontrei uma foto desse curso. Tem eu, a Isadora... Olha como a cabeça da gente engana... tem eu, a Isadora, a Cíntia, a Lucielle e *uma* menina a mais.

J.K. - Só mais uma?

L.A. - Então eram duas duplas e uma menina a mais. E tinha sete meninos...

J.K. - Um último pedido que eu vou te fazer: tu poderia me enviar o teu TCC³⁶? [risos]

L.A. - Posso.

J.K. - Porque são poucos trabalhos que têm sobre o handebol no Rio Grande do Sul, e o teu trabalho com certeza vai contribuir muito.

L.A. - *Pouquíssimos* mesmo, e por isso que eu estou fazendo altas coisas. Agora, eu e a Isadora, a gente escreveu uma cartilha sobre *handbeach* e se der certo vai ser disponível de graça. Então todo mundo vai poder ter...Me convidaram para fazer um capítulo em um livro sobre handebol, eu até já terminei o capítulo. É só agora a gente terminar os ajustes com a editora e o professor Carlos Tenholler³⁷, não sei se tu conhece ele? Um super nome do handebol.

J.K. - Sim, eu conheço alguns livros dele. Ele pessoalmente eu não conheço.

L.A. - E o André, o André é de Porto Alegre, ele também. Ele me fez convite, então acho que todo mundo está atrás de bibliografias pro handebol e é o que eu quero. Porque quando eu comecei, eu tive *muito* sufoco porque não tinha *nada*, nada.

J.K. - É bem complicado.

L.A. - E o que tinha era ruim, sabe? Ruim, ruim, ruim. Então hoje em dia, o que eu aprendi nos cursos eu estou tentando colocar tudo no papel, escrever artigo palpável. Não adianta só eu e tu falarmos sobre ele e não ter nada de conferência... Não tem nada, mas vai ter.

J.K. - Com certeza vai ter! [riso]

L.A. - Eu vou te mandar aqui o TCC e depois manda aquele *feedback*. [risos]

J.K. - Pode deixar, eu mando sim...

³⁶ Trabalho de Conclusão de Curso.

³⁷ Carlos Alberto Tenroller.

L.A. - Não sei se tu quer alguma coisa referente a currículo do handebol? Eu tenho alguma coisa.

J.K. - Se tu tiver para me enviar eu agradeço... que tudo que vier é muito bem vindo. [risos]

L.A. - Tá ótimo, e o que tu precisar também me pergunta... vai que eu tenha. Porque como vai surgindo... sobre o handebol eu já criei várias coisas. Então sempre tem uma coisinha. Desde que seja um trabalho que tenha um currículo diferenciado, um resumo do currículo... Tem tudo que tu possa imaginar. Então alguma coisa tem, se tu precisar também para o trabalho. Não sei quando que tu defende, como que vai ser...

J.K. - Eu defendo agora em agosto... Eu já estou no final, já estou terminando. [risos]

L.A. – Então me convida!

J.K. - Pode deixar, eu te convido, sim. Inclusive, depois vai ficar disponível, porque a UFRGS³⁸ tem o LUME³⁹, que é o Repositório Digital. Tem acesso livre à informação, então qualquer pessoa pode ter acesso. Isso é muito bom, não é?

L.A. - Isso é ótimo. Quem dera se aqui tivesse.

J.K. - *Bah*, se tivesse facilitaria muito. [risos]

L.A. - Facilitaria a nossa vida, a minha e a tua. [risos]

J.K. - Com certeza... bom Luma, então eu te agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁹ Repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.